

## ECOS DO INSTINTO DE NACIONALIDADE MACHADIANO EM MACUNAÍMA

Janaína Marina de Oliveira Mezêncio (Unifal-MG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Depois de já conquistada a independência política do Brasil, em 1873, Machado de Assis conclamava os escritores de sua época a deixarem o passado romântico para iniciar um novo processo de “independência” que alcançasse dessa vez a produção literária do país. Em *Instinto de nacionalidade*, elabora uma proposta estética e teórica que poderia conduzir o Brasil a produzir uma literatura representativa e autônoma. Machado inicia esse processo que se desenvolve com o correr dos anos e encontra nos escritores modernistas da Antropofagia a efetivação da essencial proposta teórica do *Instinto de nacionalidade*.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Modernismo; Mário de Andrade; Macunaíma; Literatura Brasileira.

**Abstract:** After Brazil’s political independence had already been achieved, in 1873, Machado de Assis called on writers of his current time to relinquish their romantic background in order to initiate a novel “independence” model that would reach the country’s literary production at this time. For *Instinto de nacionalidade*, he, Machado de Assis, elaborated an aesthetic and theoretical proposal that could lead Brazil to produce a representative and autonomous Literature. Machado starts this process that is responsible for the course of the years and finds in the modernists of “Anthropophagy” the effectiveness of the essential theoretical proposal of *Instinto de nacionalidade*.

**Keywords:** Machado de Assis; Modernism; Mário de Andrade; Macunaíma; Brazilian literature.

**Resumen:** Una vez alcanzada la independencia política de Brasil, en 1873 Machado de Assis llamó a los escritores de su tiempo a dejar el pasado romántico para comenzar un nuevo proceso de “independencia” que alcanzaría esta vez a la producción literaria del país. En *Instinto de nacionalidade*, elaboró una propuesta estética y teórica que podría llevar el Brasil a producir una literatura representativa y autónoma. Machado inicia este proceso que se desarrolla a lo largo de los años y encuentra en los escritores modernistas de Antropofagia la realización de la propuesta teórica esencial de *Instinto de nacionalidade*.

**Palabras clave:** Machado de Assis, Modernismo, Mário de Andrade, Macunaíma, Literatura Brasileña.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Unifal-MG, assessora de Comunicação da Câmara Municipal de Carmo do Rio Claro, Minas Gerais. e-mail: janaina.mezencio@gmail.com

## Introdução

Desde a proclamação da independência do Brasil houve um movimento cultural que procurou libertar o país também das associações simbólicas com Portugal. A literatura foi um instrumento importante na busca da soberania nacional, pois auxiliava na composição do imaginário dos leitores locais e estrangeiros, apresentando elementos que caracterizavam o Brasil e o afastavam do ex-colonizador. Ao mesmo tempo, este país recém-nascido da exploração que durou mais de 300 anos tentava construir uma história de grandeza que se equiparasse aos moldes europeus, seu grande exemplo de civilização, e acabou afastando-se da sua essência, formada por características muito diversas. A estética do Romantismo auxiliou esse processo, que, embora tenha cumprido a proposta de formar um ideário particular de Brasil, também afastou, em certos aspectos, o pensamento brasileiro de seus fundamentos fáticos.

Ter uma literatura própria do país era ainda um desafio para os escritores nacionais. No entanto, ao privilegiar o cosmopolitismo em detrimento do local, a literatura ateu-se a modelos estrangeiros que afastavam os autores de seu propósito. De modo consciente, Machado de Assis questionou os problemas da produção nacional e iniciou a mudança teórica e estética. Encontrando-a estagnada e demandando transformações profundas, Machado de Assis apontou as direções que deveriam ser tomadas para se chegar a uma produção literária que representasse efetivamente o Brasil, com obras que, além de refletir o país, capturassem também a aura do seu tempo. Com o correr dos anos, muitos autores contribuíram para que a literatura nacional atentasse mais à realidade brasileira, mas outros pontos importantes do pensamento de Machado de Assis só encontraram ressonância nas ideias defendidas pelos autores da Antropofagia, no Movimento Modernista. São ideias que, colocadas juntas em prática,

levaram o Brasil a efetivar uma produção literária nacional e autônoma. Sendo o livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a obra que melhor representa a consolidação dos objetivos do Modernismo, de acordo com os próprios integrantes do movimento, este trabalho utiliza-o para mostrar as convergências existentes entre os modernistas e o pensamento teórico expresso por Machado.

## 1 Identidade adulterada

Machado de Assis, escritor que se destaca por ter sido um grande leitor da sociedade de sua época, em 1873 publicou o ensaio intitulado “Instinto de nacionalidade”. Nele, manifesta certo descontentamento com a produção literária que estava em vigor, presa ainda a velhas concepções, iniciadas por escritores do século XVIII, que foram instigadas pelo processo de independência que se deu em 1822 e pelo Romantismo. Estariam essas concepções relacionadas à exaltação de características escolhidas para distinguir, realçar e criar uma identidade para o Brasil, nação recém-instituída. No entanto, na visão de Machado de Assis, esse modo de retratar o país e seus costumes encontrava-se ultrapassado e longe de representar uma identidade autêntica de Brasil ou uma literatura nacional, pois não incluía o momento vivido pelo país.

O responsável por manter o Brasil fora do seu tempo, seria esse “instinto de nacionalidade” apontado pelo escritor, motivador de uma produção literária que deixava escapar o que ocorria na atualidade para continuar ilustrando um Brasil imaginário e desenvolvido ainda à moda europeia. Machado de Assis descrevia com desânimo o cenário literário do país que se prolongava sem previsão de mudanças.

As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. (Assis, 1873, p. 01).

A independência política do Brasil havia acentuado a necessidade do país firmar sua soberania e o continente europeu era o modelo de civilização que ditava a organização social, política, econômica e artística. Assim, para consolidar a autossuficiência da nova pátria, fazia-se indispensável promover um afastamento em relação a Portugal, ao mesmo tempo em que se evidenciavam as características tidas como exclusivas da nova nação. Concomitantemente, era preciso aproximar esse Brasil independente da ideologia que organizava as nações mais distintas da época, e a literatura tinha função fundamental em todo esse processo, de fato, conflituoso. Nela, os autores manifestavam a recente necessidade e se empenhavam para produzir um Brasil europeizado por meio de um hibridismo de cor local e influência externa. O localismo *versus* o cosmopolitismo, como mais tarde definiria Antonio Candido, foram contradições presentes na produção literária que buscava compor a identidade nacional.

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestadas pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. (Candido, 2008, p. 117).

A partir do texto de Machado de Assis, percebe-se que ocorria um excesso tanto da afirmação do nacionalismo por meio da cor local quanto da imitação dos padrões românticos europeus. As duas vertentes da dialética estavam em destaque desde os tempos áureos do Romantismo e ainda não haviam caído em desuso. A influência dos padrões europeus se dava tanto na forma de expressão da literatura como na organização da vida social do país. Sendo

assim, o conceito estabelecido por Candido (2008) é importante para compreender também a dinâmica da vida nacional do período. O crítico descreve uma nação que buscava superar um sentimento de inferioridade advindo de um país novo, de origens colonial, agrária e escravocrata, em relação aos países velhos, colonizadores, perto da industrialização e de ideais libertários. A literatura foi então utilizada na formação de um imaginário nacional que buscava acabar com essas distâncias. Assim, o local era a “substância da expressão” que aproximava o Brasil da fisionomia dos grandes centros urbanos por meio dos padrões da estética romântica ditada pela Europa. Para isso, a diferença na formação histórica das nações era desconsiderada e as características locais eram adulteradas durante o processo de construção dessa identidade nacional que tentava se aproximar da grande civilização.

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo *latino*, de herança cultural europeia, mas eticamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. Assim, o índio era europeizado nas virtudes e costumes (processo tanto mais fácil quanto desde o século XVIII os nossos centros intelectuais não o conheciam mais diretamente); a mestiçagem era ignorada; a paisagem, amaneirada. (Candido, 2008, p. 127).

O Romantismo foi o palco que estimulou o uso desse estilo idealizado em busca de uma identidade mais apropriada: “Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional” (CANDIDO, 2008, p. 123). Quando Machado de Assis publicou seu ensaio (1873), o movimento romântico ainda se sobrepuja como estética literária. No Brasil, seu marco final foi o ano de 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do próprio Machado de Assis. Embora o movimento estivesse em seus anos finais, o sentimento nacional ainda perpassava grande parte da literatura produzida localmente. Assim, o herói nacional figurava na personagem do índio, primeiro habitante do país, e seus costumes de outrora serviam como estímulo à produção

literária, manuseados para se emparelhar aos valores europeus. Ao eleger-se o índio como herói, ele era posto como representante do coletivo e, por isso, era preciso pintá-lo de modo que conviesse, mesmo que isso apagasse toda a violência promovida pelo invasor/colonizador e desconsiderasse a falta de valor real do indígena diante daquela sociedade. As belezas da natureza, tão ressaltadas pela literatura, também eram trabalhadas conforme a necessidade e, muitas vezes, nunca tinham sido tocadas pelos olhos daqueles que as descreviam. Machado de Assis escreveu:

Aqui o romance, como tive ocasião de dizer busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do país, e em parte, os de algumas cidades, muito mais chegados à influência europeia, trazem já uma feição mista e ademanos diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada, alguns há de mérito real (Assis, 1873, p. 03).

Por meio deste trecho, observa-se que os escritores contemporâneos a Machado de Assis continuavam a seguir os moldes e temas desenvolvidos por José de Alencar cujo trabalho como escritor deu início à produção de caráter nacional. Com seus romances, José de Alencar ajudou o Brasil em seu projeto de construção de uma identidade. No entanto, foi muito criticado por seguir sem desvios os padrões europeus e por exagerar na idealização dos aspectos locais de sua produção. É necessário salientar que Alencar foi precursor de um movimento novo e que as críticas não descaracterizam a qualidade de sua produção literária. O que Machado destacava é que havia chegado o momento de mudar outra vez e começar a traduzir, pela literatura nacional, a complexidade da realidade brasileira.

A partir de Schwarz (1973) é possível ter um entendimento mais amplo da distância existente entre o contexto do Brasil de 1873 e a literatura corrente e que é enfatizada em “Instinto de nacionalidade”. Ao descrever as relações conflituosas daquela sociedade, Schwarz confirma

que não há conexão entre elas e a literatura criticada por Machado de Assis. Marcada pelo antagonismo, a sociedade brasileira desvanecia-se na dialética do localismo/cosmopolitismo. A organização social local, diferente da organização vigente na Europa, era um empecilho no projeto da oligarquia brasileira de se adequar ao ideal de civilização. Apesar de ter baseado seu processo de independência nos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sustentados pela burguesia europeia, a sociedade brasileira não tinha intenção de aplicá-los de fato. Continuava o mesmo Brasil latifundiário, agrário, mantido pela exploração do trabalho escravo e pela prática dos favores. Desenvolveu-se então uma sociedade que ideologicamente assumia o pensamento burguês, mas negava-o em suas ações mais relevantes.

O Brasil da época de Machado de Assis estava ligado aos países desenvolvidos por meio das práticas de mercado, pois exportava sua produção agrícola. Por outro lado, importava deles influências de “civilidade”. Costumes, comportamentos, moda, decoração, toda superficialidade que buscava camuflar um Brasil agrícola cuja produção dependia exclusivamente da escravidão. Schwarz (1973) destaca que a escravidão, embora tenha sido uma prática de mercado muito rentável, naquele momento deixava de se enquadrar nos ideais capitalistas. Manter um funcionário, que poderia ser dispensado quando necessário, era mais lucrativo do que manter escravos permanentemente. Além do mais, dos funcionários exigia-se produtividade, enquanto o escravo era submetido a violências diversas que não geravam qualidade ou eficácia no serviço realizado.

Schwarz (1973) ainda trabalha outro ponto crucial na preservação das relações contraditórias em voga no meio social brasileiro: a prática do favor. Ela seria especialmente responsável pela manutenção desse ideário surgido a partir do conflito entre localismo e cosmopolitismo. O autor destaca que o Brasil se dividia em três classes sociais bem delimitadas: os donos de terras e propriedades (latifundiários); os indivíduos que dependiam dos primeiros para viver de maneira mais confortável, incluindo profissionais liberais (homens livres), e os

escravos. A prática do favor dava-se entre as duas primeiras classes. Schwarz (1973) explica que o profissional liberal precisava do favor para exercer sua profissão; o pequeno proprietário, para obter segurança para a sua propriedade e o funcionário para a manutenção de seu trabalho. Em contrapartida, os homens *livres* faziam *vista grossa* e endossavam a ilusão de que aquela parcela não escrava transpirava ideais liberais e toda decência deles advinda.

O escravismo desmente as ideias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular. O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e auto-estima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados. Na Europa, ao atacá-los, o universalismo visara o privilégio feudal. No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc. - contra as prerrogativas do *Ancien Régime*. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais. Entretanto, não estávamos para a Europa como o feudalismo para o capitalismo, pelo contrário, éramos seus tributários em toda linha, além de não termos sido propriamente feudais - a colonização é um feito do capital comercial. (Schwarz, 1973, p. 05 - 06).

A prática do favor tinha, então, a capacidade de manter uma impressão generalizada de que a sociedade brasileira participava da organização do velho mundo. Como bem escreve Schwarz (1973), o favor absorvia as ideias liberais, deslocava-as e originava um padrão particular que não poderia ser totalmente justificado por fundamentos racionais. O autor destaca que, não havendo um movimento que contestasse o modelo europeu e pensasse um novo que estivesse mais próximo das relações vividas pelo Brasil, aceitava-se o que fora estabelecido, sendo facilmente mantido na esfera ideológica.

De ideologia que havia sido - isto é, engano involuntário e bem fundado nas aparências - o liberalismo passa, na falta de outro termo, a penhor intencional numa variedade de prestígio com que nada tem a ver. (Schwarz, 1973, p. 06).

A visão de Machado de Assis em “Instinto de nacionalidade” se coaduna ao panorama apresentado por Schwarz (1973) que elucida a distância entre o mundo real e o literário. A ideologia e conflitos sustentados pela sociedade brasileira não apareciam nos livros. Na pena dos autores criticados por Machado, a presença de uma literatura passada e ultrapassada de um lugar imaginário e distante. Assim, esses autores não estavam contribuindo para o alcance de uma produção nacional e autônoma como acreditavam, mas prolongando uma tradição obsoleta. Machado de Assis chamava a atenção deles para a necessidade de se realizar uma nova independência, dessa vez no contexto literário. Era preciso deixar esses modelos arcaicos e iniciar uma produção mais focada no que acontecia no Brasil. Não significava deixar de utilizar as propriedades nacionais para compor os textos literários, mas significava uma mudança no modo de tratar esses dados que fosse mais autônomo e criativo. O processo para se chegar ao que Machado de Assis chama de independência literária precisaria de uma ação engajada que discutisse a fundo a questão da identidade nacional, sem os olhos europeizados, uma ação que buscasse elementos novos para a produção literária, que propusesse mudanças na estética, aceitando o legado do passado, mas considerando especialmente o tempo vivido pela sua sociedade. “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1873, p. 03).

Esse caminho seria construído passo a passo e dependeria da atuação de vários escritores:

Essa outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela perfazê-la de todo. (Assis, 1873, p. 01).

O próprio Machado de Assis iniciou a jornada rumo a esse processo de autonomia literária com seu modo de fazer literatura. Inaugurou o curso de modificações temáticas e estilísticas e fundou a Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro, em 1897, instituição criada para discutir e preservar a língua e literatura brasileira. Machado de Assis foi um dos primeiros escritores brasileiros a se tornar “homem do seu tempo”. A compreender as mudanças e inovações tecnológicas que reorganizaram o modo de viver e, portanto, o fazer literário.

## 1.1 O caminho

A Revolução Industrial inaugurou novos processos de produção e de organização social, influenciando o mundo. A consciência coletiva era perpassada por novas ideologias e pelo pensamento científico. O Brasil recebia esses influxos e também sofria mudanças internas. Passou pela Abolição da Escravatura (1888), pelo fim do Regime Imperial e pela Proclamação da República (1889). Esse período de ruptura e conflito criou um novo cenário, que estimulou a literatura a adotar uma posição crítica em relação à sociedade (denunciando as falhas de moralidade praticadas especialmente pelo clero e a burguesia), permeada de engajamento social e político, inaugurando o Realismo, que substituiu a predominância do Romantismo no velho mundo e no Brasil. Ao lado de Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia e Artur de Azevedo foram alguns dos autores que colaboraram para expansão dessa nova literatura no país.

As obras que dão corpo ao Realismo não pretendiam enaltecer as belezas e grandezas do Brasil, mas expunham as fragilidades das instituições vigentes e da alta sociedade, criticando a hipocrisia da burguesia brasileira. Nesta fase, os problemas são mostrados pela literatura, as personagens e histórias são construídas com profundidade, objetivando uma alteração do

ambiente social. O país é visto por outra perspectiva, mais próxima da realidade. No entanto, uma parte importante e extensa dele ainda não participava efetivamente da literatura, que ainda tinha os latifundiários e a burguesia da capital brasileira nos papéis principais. Os escritores conhecidos como pré-modernistas foram os responsáveis por ampliar a visão de Brasil territorialmente e por inserir as adversidades vividas pela classe baixa e marginalizada nas páginas da literatura.

Muitas revoltas aconteceram pelo país entre o final do século XIX e início do século XX. O Brasil fervia pela insatisfação das classes menos favorecidas. A Proclamação da República não alterara em nada a organização desigual do país, e a população pobre estava sendo subjugada agora em nome da industrialização. As revoltas denunciavam as mazelas sociais sofridas pelo povo brasileiro e sua busca por sobrevivência, e a literatura passou a utilizá-las como matéria principal de sua produção.

Esse momento promoveu mudanças importantes de perspectiva: a literatura começou a enxergar além da capital e expunha os problemas vividos pela população brasileira por todas as regiões do país. Em vez de se concentrar na elite, a literatura ganhava personagens inspiradas no povo que sofria com uma organização política, econômica e social injusta. É um novo modo de organizar a literatura nacional, que dessa vez abrange as relações de classe, retratando um Brasil plural. São nomes importantes dessa fase de transição: Euclides da Cunha que trata da luta, das mazelas e do massacre de Canudos, ao sul da Bahia; Monteiro Lobato que com a personagem Jeca Tatu expõe a miséria de vida do trabalhador do campo no interior de São Paulo; e Lima Barreto, o mais importante dessa fase literária, pois, além de escrever sobre os marginalizados do subúrbio do Rio de Janeiro, quebra o padrão culto vigente na literatura, adotando em sua produção o uso da linguagem coloquial.

Note-se que as mudanças ocorridas na literatura brasileira trouxeram para suas obras um Brasil mais comprometido com a realidade do seu tempo. Distante da idealização do

Romantismo, de maneira objetiva, ela expôs e promoveu discussões sobre a hipocrisia e as injustiças que constituíam o país. Nesse contexto, a questão sobre a identidade nacional adormeceu e só foi retomada pelos escritores que promoveram o Movimento Modernista. É nesse sentido que os modernistas se manifestam como aqueles que retomam, mesmo que inconscientemente, o pensamento teórico e estético proposto por Machado de Assis, pois as questões discutidas em “Instinto de nacionalidade” são recuperadas quando os Modernistas se propuseram representar o Brasil real na literatura e buscar uma autonomia cultural para o país, rediscutindo a identidade nacional e a dialética do localismo/cosmopolitismo. Feito isso, os modernistas promoveram a renovação formal e estética que desafiou o cenário confortável da produção nacional, concretizando muito do que Machado de Assis discutia em seu ensaio.

O livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, concretiza em si todas as propostas do movimento modernista e, por isso, acredita-se que ele retoma muitos aspectos do ensaio “Instinto de nacionalidade”. *Macunaíma*, apossando-se dos elementos mais ricos ao Romantismo, especialmente do indianismo de José de Alencar, faz chacota ao mesmo tempo em que expõe o Brasil por meio de suas dificuldades e defeitos, evidenciando a velocidade, mudanças e conflitos promovidos pela modernidade.

## 2 Tempos modernos

A atmosfera de renovação estética acompanhava o avanço tecnológico e seus efeitos. Na Europa, os Movimentos de Vanguarda chocavam os espectadores por produzirem uma arte estranha, que se afastava dos padrões da mimese clássica. No Brasil, esse fervor artístico se desenvolveu por meio do Movimento Modernista, que foi influenciado pelas vanguardas e pensou a identidade nacional e cultural do país. As manifestações artísticas desse período

buscavam entrar na modernidade criando a partir de novos pontos de vista e reagindo a tudo que caracterizasse modelos passados.

Na literatura modernista, Bosi (2006) identifica as correntes de vanguarda que mais influenciaram a fase heroica do Modernismo brasileiro:

De qualquer modo, pela análise dos textos publicados em *Klaxon* e das páginas mais representativas da fase inicial do Modernismo, depreende-se que foram os experimentos formais do futurismo, não só italiano, mas e sobretudo francês (Apollinaire, Cendrars, Max Jacob) que mais vigorosamente dirigiram a mão dos nossos poetas no momento da invenção artística. Do surrealismo tomaram uma concepção irracionalista da existência que confundiram cedo com o sentido geral da obra freudiana que não tiveram tempo de compreender. Do expressionismo, processos gerais de deformação da natureza e do homem (Bosi, 2006, p. 341).

Assim, os modernistas reagiram ao velho, ao academicismo, às escolas anteriores como Parnasianismo, Simbolismo e Romantismo. Valorizaram a experimentação, os temas cotidianos, o espaço urbano e a velocidade. O movimento abusou da ironia, do sarcasmo, do humor e da irreverência. Foi anárquico, destruidor, polêmico, e, especialmente, dedicou-se à busca da brasilidade. Bosi (2006) aponta que o Modernismo teve dupla direção, sendo constituído por liberdade formal e ideias nacionalistas.

Decorridos os sucessos da Semana de Arte Moderna, em 1922, os modernistas passaram a dividir-se em subgrupos que, além dos aspectos estéticos, possuíam bases ideológicas específicas. Velloso (1987) explica que os modernistas se mantiveram unidos na luta contra o passadismo e na defesa pela atualização da cultura nacional. No entanto, ao decidirem que a entrada do país nos tempos modernos só seria possível por meio daquilo que o caracterizava de maneira individual, sua brasilidade, começaram os desentendimentos que separaram os escritores. “A grande questão que se coloca é dar conta do nacional. E nesse ponto vão se situar as divergências quanto à forma mais adequada de apreendê-lo” (VELLOSO, 1987 p. 96).

Como os ideais europeus, tão seguidos pela sociedade brasileira, tinham se mostrado ineficientes na manutenção de um mundo equilibrado e sólido, voltar às raízes do país parecia a maneira mais indicada de se posicionar na modernidade. Diante desta concepção, duas correntes estéticas se desenvolveram próximas do pensamento de Machado de Assis exposto em “Instinto de nacionalidade”. São elas, o movimento Pau-brasil que se desdobrou na Antropofagia e o Verde-amarelismo que se desenvolveu no Grupo da Anta. Cada qual a seu modo, buscou a brasilidade, rediscutiu a identidade nacional e reinventou a produção literária brasileira. Além de resgatar símbolos do Romantismo nacional e olhar para a dialética do localismo versus cosmopolitismo por meio de suas particularidades.

O Verde-amarelismo, fundado em 1926, embora tenha retomado o desejo romântico de buscar uma literatura nacional, acreditava que a forma de se fazer isso era afastando toda influência externa, já que os valores civilizatórios europeus haviam ruído e eram vistos como ultrapassados. Então, uma literatura nacional seria possível a partir de elementos essencialmente brasileiros. Enquanto no Romantismo os autores pretendiam dar ares europeus ao Brasil, os modernistas do Verde-amarelismo consideravam um problema tudo que chegava da Europa. Os integrantes dessa corrente estética defendiam de modo extremo o localismo e refutam o cosmopolitismo. O localismo foi interpretado por eles como regionalismo e reduzido a São Paulo - berço da modernidade, com sua industrialização e seus intelectuais -, eleita como o local responsável por ensinar o resto do país a ser moderno. Já o elemento tupi foi eleito o cerne da nacionalidade brasileira por simbolizar a passividade, identificada como canal perfeito de absorção étnica e cultural.

O Verde-amarelo foi uma reação à corrente Pau-brasil, iniciada em 1924 por Oswald de Andrade, que tratava a questão do nacional e as vanguardas de maneira diferente. Os verde-amarelos acusavam o grupo Pau-brasil de continuar uma dependência cultural já que ele não dispensou o *modus operandi* das Vanguardas Europeias e o integrou a sua criação.

O Manifesto da Poesia Pau-brasil defendia a produção de uma “poesia de exportação”, a urgência de se atualizar a consciência nacional, adequando-a à modernidade, e à necessidade de se criar uma língua independente que, formada pela fala cotidiana, combateria a erudição que dominava a literatura. Ao adotar o nome “pau-brasil”, Oswald retoma o passado da colonização, pois a madeira foi o primeiro produto extraído da região, marcando o início da exploração do país e da sujeição do povo. Mas, além de rememorar a história, Oswald busca ressignificá-la e pau-brasil passa a representar algo que é próprio e original do país, com força suficiente para se posicionar junto dos grandes centros culturais e econômicos. A Poesia Pau-brasil seria, então, um novo produto de exportação, dessa vez com sua produção e distribuição organizadas internamente, utilizando-se de todo potencial criativo e brasilidade disponíveis para atualizar a consciência nacional e sua participação no cenário internacional.

O trabalho com a linguagem proposto e desenvolvido pela corrente despertou o que houve de mais original na literatura nacional até aquele momento. Afastando-se das regras impostas pela academia e pela gramática, Oswald de Andrade incentivou a utilização de elementos distantes dos gêneros elitizados produzidos até então. “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. (ANDRADE, 1976, p. 01)<sup>2</sup>.

Oswald também atualizou o significado da Antropofagia, ritual feito por determinadas etnias indígenas que se alimentavam de seus inimigos valorosos feitos prisioneiros. A antropofagia cultural proposta por Oswald de Andrade sugeria que os artistas nacionais deveriam se alimentar das teorias e técnicas produzidas nos grandes centros, deglutir esses conteúdos, separar o que havia de importante e utilizar na produção cultural do país. O que estaria ocorrendo

---

<sup>2</sup> Manifesto da Poesia Pau-brasil: ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

seria a apropriação das qualidades artísticas e literárias do “inimigo”, a fusão entre externo e interno, que ao se juntarem ao potencial nacional principiariam uma produção brasileira e original. Era outra maneira de relacionar o localismo e o cosmopolitismo, não mais pela cópia ou exclusão, mas pela deglutição.

O embate entre as duas correntes floresceu a discussão sobre nacionalidade e o processo de renovação da literatura brasileira. No entanto, os Verde-amarelos estão mais próximos do conservadorismo do que da renovação e são os Antropófagos que realmente arrematam o processo de “independência” da literatura brasileira, discutido e iniciado mais efetivamente por Machado de Assis.

O livro *Macunaíma*, escrito por Mário de Andrade, foi eleito por Oswald de Andrade e pelos modernistas da Antropofagia como a obra que melhor reuniu na prática os conceitos do movimento:

O primeiro havia publicado, em 1928, *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* que, imediatamente, foi cooptado pelo grupo antropófago através da fala de Oswald de Andrade, Alcântara Machado e Oswald Costa. O primeiro considerava que Mário havia escrito a “nossa Odisseia e criou numa tacapada o herói cíclico e por cinquenta anos o idioma poético nacional”, ao escrever *Macunaíma*, “a maior obra nacional”<sup>83</sup>. O segundo considerava o livro bom e oportuno, já que chegara para “por no seu devido lugar a famigerada brasilidade, através da qual correm muados e errados desde muitos anos os escritores deste Brasil tão imenso mas tão arraial ainda”. Ele tinha “tanta moleza, tanta sem-vergonhice, tanta bazófia bem nossas e talvez só nossas”, o que fazia com que merecesse o título de “Rapsódia nacional (como o bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros, de tudo. A língua, então, é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando” (Queiroz, 2010, p.p. 40 - 41).

*Macunaíma*, então, representava o Brasil moderno e sem fronteiras, com um anti-herói capaz de retratar a diversidade da nação e escrito em uma linguagem nova, constituída pela fala cotidiana, neologismos e velocidade. Além de ser a odisseia modernista, consolida as reflexões

e necessidades levantadas por Machado de Assis a respeito da literatura nacional no ensaio intitulado *Instinto de Nacionalidade*.

### 3 Paralelos híbridos

*Macunaíma o herói sem nenhum caráter* é um livro importante para a literatura brasileira porque constrói uma narrativa original, quando comparada às obras anteriores, e resgata a potencialidade simbólica da sociedade brasileira, que, a partir de elementos próprios, participa da criação de componentes naturais e das novas tecnologias. É uma obra rica por resgatar a diversidade cultural do país e por apropriar-se dela para, de modo criativo, contar a origem de diversas de suas tradições marcantes. O livro resgata o passado apagado pela colonização e reformula a história do Brasil, desenvolvendo novos olhares para a narrativa nacional. Embora tenha sido publicado em 1928, carrega ainda a qualidade maior dos clássicos que é a capacidade de se manter atual apesar do correr dos anos.

Por ser uma obra de destaque do Movimento Modernista é também a concretização literária mais radical das ideias manifestas por Machado de Assis em “Instinto de nacionalidade”, já que o Modernismo aproxima-se de modo surpreendente do pensamento teórico expresso no ensaio de 1873. Nele, Assis (1873) analisou a configuração da literatura brasileira da qual participava e atestou que os autores continuavam seguindo os estilos e modelos elaborados pelos escritores românticos quando a literatura nacional carecia de originalidade. Os modernistas trabalharam muito dos elementos nacionais utilizados pelos românticos, mas de forma nova e criativa, o que, de certa maneira, concretiza o curso da “independência” literária traçado por Machado de Assis em seu ensaio.

Por recuperar a discussão sobre nacionalidade, os modernistas retomaram aspectos da escola romântica, a partir dos quais reescrevem a história do país. O Romantismo foi importante para dar forma ao pensamento nacional, mas se perdeu ao tentar aproximar a origem multifacetada do Brasil colonizado da origem homogeneizada das civilizações europeias. Para reparar este engano, os modernistas constroem uma nova narrativa nacional, focada em mostrar um país mais próximo da realidade. Recorde-se de que uma das críticas mais densas de Machado de Assis aos escritores de sua época referia-se ao distanciamento que eles promoviam entre literatura e realidade, usando das características locais para escrever de forma rasa, não contribuindo de fato para a formação de uma literatura representativa.

O passado indígena do Brasil é matéria importante tanto para o Romantismo quanto para o Modernismo. Sendo assim, é fundamental para o desenvolvimento de Macunaíma cuja personagem principal contrapõe-se ao índio romântico (europeizado) e esbanja brasilidade. O título da obra tende a ser interpretado de maneira única e *o herói sem nenhum caráter* associa-se apenas ao traço malandro da personagem. No entanto, *sem nenhum caráter* significa também que é impossível definir a origem da personagem, o que representa a pluralidade de etnias que constituem o povo brasileiro.

O herói Macunaíma, na perspectiva de Mário de Andrade, tem obscurecida esta origem identificável e nomeável. Ele não mais sintetiza, como Iracema, uma origem precisa – ela é indígena; mas uma pluralidade de origens, já que Macunaíma é “filho do medo da noite”, foi parido por uma índia tapunhumas, tem um irmão preto e outro índio e pode transformar-se num príncipe lindo. (Helena, 1993, p.88).

A diversidade nacional é expressa nas primeiras palavras do livro. Macunaíma nasce “no fundo do mato-virgem”, “preto retinto”, de uma índia tapanhumas pertencente a uma inventiva tribo de índios negros. Em seu nascimento já carrega em si origens indígena e africana. No correr da narrativa, ele se banha em um local por onde passaram os jesuítas e transforma-se em

um branco, loiro de olhos azuis, fazendo referência à colonização e à miscigenação também com o branco europeu. Em si, leva toda multiplicidade da formação do povo brasileiro. Interessante mencionar que Mário de Andrade destaca, logo no momento do nascimento de Macunaíma, que a índia “pariu uma criança feia”, indicando que a narrativa não seria floreada como fizeram os autores românticos, mas traria as especificidades do Brasil, bonitas ou não. Na busca por ofertar conhecimento sobre o Brasil, o autor de Macunaíma reuniu diversas características que formavam a nação, incluindo as fraquezas que constituem esse povo. Ser nacional, no pensamento de Andrade, significava se relacionar com o seu passado e presente e ele contribuiu com essa nacionalização integrando ambos em suas produções.

Mário de Andrade não se priva de fazer uso da “cor local” em sua obra, que é recheada de nomes da fauna e flora brasileira, palavras indígenas e africanas, gírias e frases prontas muito utilizadas no cotidiano, apresentando assim a diversidade cultural do país. Muitas vezes elas aparecem no meio da narrativa acrescentando dinamicidade ao texto, ao contrário dos românticos que faziam longas descrições e exageravam ao usar as características locais. “Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas que a empobrecam” já dizia Machado de Assis (1873) em seu ensaio.

Andrade (2017) demonstra que é possível e faz uso dos elementos nacionais que compõem a história de um modo simples. “Caça caía com estrondo e Macunaíma aparava os macucos macacos micos monos mutuns jacus jaós tucanos, todas essas caças” (ANDRADE, 2017, p.34). Macuco, mutum, jacu e jaó são aves da Amazônia e seus nomes têm origem tupi. São inseridas no enredo de maneira natural. No texto, os irmãos tinham fome e foram caçar os bichos que estavam na árvore comendo frutas. Enquanto Maanape atirava com a sarabatana, Macunaíma recolhia a caça.

O livro também resgata o folclore brasileiro e utiliza-se dele para construir a narrativa. As metamorfoses são muito presentes na história e vão ilustrando como componentes essencialmente brasileiros deram origem a diversos elementos que constituem o Brasil e o mundo. A lenda amazônica da Boiuna, uma cobra gigante que vive nos rios da Amazônia e engravida uma índia, é utilizada por Mário de Andrade para mostrar como nasceu a lua. Na história, Macunaíma corta a cabeça da cobra-grande, a boiuna Capei, que passa a persegui-lo. Sem saber que a cabeça havia virado sua escrava, depois de muito fugir, o herói se esconde em um rancho esperando que ela vá embora. Cansada de esperar, a cabeça da Capei começa a pensar em que vai se transformar e decide ser lua. Com a ajuda da caranguejeira, dos xexéus e de um pouco de friagem dos Andes, sobe ao céu. Os xexéus fizeram sombra para que o sol não derretesse o fio da aranha e a aranha despejou a friagem dos Andes para que Capei conseguisse enxergar o fio no escuro.

Quando foi ali pela hora antes da madrugada a boiuna Capei chegou no céu. Estava gorducha de tanto fio comido e muito pálida do esforço. Todo o suor dela caía sobre a Terra em gotinhas de orvalho novo. Por causa do fio geado é que Capei é tão fria. Dantes Capei foi a boiuna mas agora é a cabeça da Lua lá no campo vasto do céu. Desde essa feita as caranguejeiras preferem fazer fio de-noite. (Andrade, 2017, p. 27).

Essa passagem também é uma amostra de como Mário de Andrade soube fazer uso das cores locais e da linguagem sem empobrecê-las e, ao mesmo tempo, demonstra a força da nação brasileira, criadora do astro que reflete luz pelas noites de todo o mundo. E muitas personagens se transformam em estrelas e constelações, assim como o filho morto de Macunaíma origina a fruta guaraná e a onça, o automóvel. O escritor modernista cria então um Brasil livre, constituído por meio de suas especificidades, destacando a importância de sua brasilidade para sua formação.

De maneira criativa e poética, a tradição associa-se à literatura e o passado à contemporaneidade. Ao perder a muiiraquitã, amuleto que ganhou da Ci, mãe do mato, Macunaíma descobre que a peça está em São Paulo. Então, sai do ambiente natural e rural para iniciar sua jornada pelo centro urbano dominado pela deusa máquina. “Tomou-o um respeito cheio de inveja por essa deusa de deveras forçada, Tupã famanado que os filhos da mandioca chamavam de Máquina, mais cantadeira que a Mãe-d’água, em bulhas de sarapantar”. (ANDRADE, 2017, p. 32). Assim, Andrade mistura esses dois brasis, rural e mantenedor das tradições nacionais com o urbano e moderno, criando uma narrativa inovadora, diferente de tudo o que já havia sido escrito anteriormente. Ao fazer essa mistura, o autor desconsidera as regras de tempo e espaço, e as personagens possuem hábitos antigos totalmente integrados à modernidade e são capazes de se deslocar por quase toda extensão do país em uma única fuga, por exemplo.

Nas palavras de Eloésio Paulo, “Em *Macunaíma* as noções de identidade, tempo e espaço foram bagunçadas até a vizinhança do delírio puro e simples. Se a bagunça é constitutiva, o fluxo narrativo tem um destino certo, comum à massa de mitos que nele entrou: a fixação de todos os tempos num espaço intemporal”<sup>3</sup>. Ao desconsiderar todas as regras - de tempo, espaço, estilo, linguagem – a obra se apresenta como a consolidação de um caminho para a literatura nacional autônoma tão procurada pelos autores brasileiros. Isso porque Mário de Andrade estabeleceu passagem para a escrita que vai além do exterior e, mesmo aparentemente confusa, captou o sentimento de uma sociedade, refletindo a influência que recebeu das vanguardas que derrubaram a predominância da mimese e estabeleceram uma nova teoria para representação das coisas que não primava mais pela perfeição.

---

<sup>3</sup> Trecho retirado da resenha do livro *Macunaíma, o herói sem caráter*, feita pelo Professor da Unifal-MG, Eloésio Paulo, disponível em seu blog *Pequeno guia do romance brasileiro*, endereço: <https://eloesiopaulo.blogspot.com/2020/07/macunaima.html>

Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mas esta tem suas regras, o estro leis, e se há casos em que eles rompem as leis e regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam Shakespeare, Dante, Goethe, Camões. (Assis, 1873, p. 05).

Na citação acima, Machado fala para os escritores de seu tempo. Cobrava deles ousadia para criar, mas o auge dessa inovação só se consolidou com os escritores modernistas que até hoje figuram no cenário literário como um dos movimentos mais importantes do país.

Em “Instinto de nacionalidade”, o ensaísta censura também a ausência de matéria relacionada ao contexto daquela sociedade. “Esta casta de obras, conserva-se aqui no puro domínio de imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas” (ASSIS, 1873 p. 04). *Macunaíma* mais uma vez apresenta correspondência com as ideias do autor e, de modo crítico e irônico, expõe alguns problemas e efeitos da modernidade. Eles estão por toda a obra, mas é no capítulo intitulado *Carta pras icamiabas* que aparecem de forma mais sagaz. Na carta, o herói conta para as Amazonas como são as coisas em São Paulo. Logo no início, Mário de Andrade apresenta uma questão problemática que se refere ao uso da língua no Brasil. Além de falar sobre isso no decorrer do capítulo, ele mostra, alterando a linguagem utilizada. Escreve o capítulo em tom formal, cujo texto é construído com linguajar difícil e arcaísmos, destoando da linguagem coloquial usada até então. No correr da carta, de modo muito sarcástico, ele menciona as várias línguas utilizadas por aquele povo:

Mas cair-nos-íam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes de brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vô-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra,

logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula, língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que á grande e quasi total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado. De tudo nos inteiramos satisfactoriamente, graças aos deuses; e muitas horas hemos ganho, discreteando sobre o z do termo Brasil e a questão do pronome “se”. Outrossim, hemos adquirido muitos livros bilíngues, chamados “burros”, e o dicionário Pequeno Larousse; e já estamos em condições de citarmos no original latino muitas frases célebres dos filósofos e os testículos da Bíblia. (Andrade, 2017, p. 65).

O fragmento é também um ataque aos acadêmicos e gramáticos que insistiam no uso de uma língua arcaica, pouco próxima do falar brasileiro, e que sustentava ainda a glória do passado latino. Ademais é possível identificar uma crítica à atuação destes profissionais no trecho em que Macunaíma diz estar se dedicando ao “z do Brasil” e ao pronome “se”, como se fosse um trabalho superficial e sem relevância para a modernidade.

Ainda neste capítulo, Mário de Andrade acrescenta uma crítica aguçada à organização social da cidade de São Paulo. Diante do seu crescimento desregulado, promovido pelas novas oportunidades da industrialização, torna-se incapaz de abrigar e cuidar de sua população que se acumula à mercê das possibilidades, tornando-se apenas um número à disposição da classe política:

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas e tomadas por estátuas e lampiões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. Assim se obtém o efeito dum grande acúmulo de gentes, cuja estimativa pode ser aumentada á vontade, o que é propício ás eleições que são invenção dos inimitáveis mineiros; ao mesmo tempo que os edis dispõem de largo assunto com que ganhem dias honrados e a admiração de todos, com surtos de eloquência do mais puro estilo e sublimado lavor. (Andrade, 2017, p. 62).

Logo em seguida, conta que o problema da circulação é resolvido por “mil e uma espécimens de vorazes macróbios, que dizimam a população” pobre, impedindo que haja

“acúmulo de desocupados e operários”. A falta de acesso à saúde é um problema salientado com frequência pelo autor que utiliza sempre a frase “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são”, um dístico feito em homenagem àquela formação social que acabava de conhecer.

As saúvas já protagonizaram papel de relevo no livro de Lima Barreto<sup>4</sup>, sendo que sua quantidade e estragos prejudicavam as lavouras e o desenvolvimento da personagem principal na agricultura, destacando-se como uma grande praga. Então, o problema do Brasil também seria tudo o que suga sua seiva e nada acrescenta. Assim, a má qualidade da maioria dos políticos, interessada apenas em seu próprio bem-estar, também é um problema que Andrade não deixa de destacar:

Enfim, senhoras Amazonas, heis de saber ainda que a estes progressos e luzida civilização, hão elevado esta grande cidade os seus maiores, também chamados de políticos. Com este apelativo se designa uma raça refinadíssima de doutores, tão desconhecidos de vós, que os diréis monstros. Monstros são na verdade mas na grandiosidade incomparável da audácia, da sapiência, da honestidade e da moral; e embora algo com os homens se pareçam, originam-se eles dos uirauaçus e muito pouco têm de humanos. (Andrade, 2017, p. 66).

A crítica aguçada de Mário de Andrade e esse traço fino para ironia que atravessa suas composições integram a gama de características que aproximam o autor da concepção teórica desenvolvida por Machado de Assis. Embora tenham nascido em épocas distintas, por serem autores visionários e críticos de suas sociedades acabam por apresentar convergências de pensamento. E também por isso, *Macunaíma*, mesmo sendo publicado 20 anos depois do falecimento de Machado, é a concretização de um movimento que o autor de Brás Cubas iniciou com sua literatura.

---

<sup>4</sup> O Triste fim de Policarpo Quaresma.

Para finalizar, mais um exemplo de que o livro não deixa escapular o seu tempo, matéria tão cara para Machado de Assis. Nesta passagem, Macunaíma, durante um discurso, fala sobre os efeitos do progresso na modernidade, intensificados até a atualidade:

- Meus senhores, a vida dum grande centro urbano como São Paulo já obriga a uma intensidade tal de trabalho que não permite-se mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso sequer a passagem momentânea de seres inócuos (Andrade, 2017, p. 75).

### Considerações finais

Machado de Assis e os escritores modernistas, especialmente os integrantes da Antropofagia, são importantes não só pelas obras que produziram, mas especialmente pelo trabalho que desenvolveram na busca e consolidação de uma literatura nacional autônoma. Mesmo tendo atuado em épocas distintas, este estudo buscou mostrar de que maneira eles se aproximam e como o ideal teórico dos modernistas concretiza muito do pensamento teórico de Machado de Assis, especialmente o exposto no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, em que faz uma análise crítica da literatura de sua época.

O grande ponto de convergência entre estes escritores é a concepção intencional de que uma literatura nacional e livre precisava refletir o seu país e a sua sociedade dentro das condições do seu tempo. Machado de Assis resgatou a literatura nacional que estava presa ao passado ao utilizar a organização social vigente como pano de fundo para sua produção. Os modernistas da Antropofagia puderam ir mais fundo e resgataram um passado histórico que justificava o modo de ser brasileiro.

Machado de Assis cobrou dos escritores contemporâneos que se universalizassem. Uma literatura nacional deveria ser capaz de captar os temas que convergem com o sentimento do

mundo e assim pertencer a toda humanidade. Logo, era preciso possuir um tipo de brasileiro interno (parafrazeando o que o autor diz sobre Masson)<sup>5</sup> para expressar o espírito nacional mesmo sem tratar sempre das cores locais. Machado fala de um sentimento íntimo que torna o escritor homem do seu tempo e do seu país. Pode-se tentar explicar esse sentimento nacional íntimo como algo que advém de um escritor que sabe ler profundamente as dores e amores da sociedade da qual participa. Sendo dores e amores assuntos universais e a sociedade, brasileira, seria esse mais um passo para a literatura nacional autônoma, aquela que contribui para o global com o que lhe é próprio.

Os modernistas, também neste aspecto, compactuam com a teoria de Machado de Assis. “Ser nacional é ser universal e assim colaborar com a civilização” escreveu Mário de Andrade em uma de suas cartas para o escritor Carlos Drummond. O autor modernista dizia que era impossível acrescentar à grandeza da humanidade sendo “franceses ou alemães”, ou seja, só seria possível contribuir sendo brasileiros. Esse pensamento converge com as ideias dos manifestos que defendiam a elaboração de uma poesia de exportação feita a partir das características que constituem o povo brasileiro e suas vivências, sem camuflar sua história para se parecer com a de outras civilizações.

Machado de Assis e a Antropofagia trabalharam para atualizar a literatura e por uma produção literária mais perspicaz. O primeiro, com muita classe, explicou quão atrasada estava a maioria dos autores, seus contemporâneos, escrevendo ainda como os primeiros românticos. Mostrou como essa opção não permitia que os escritores criassem algo verdadeiramente representativo. Os modernistas iniciaram claramente uma guerra contra o passadismo que se afastava da realidade nacional do período e imprimiram uma revolução estética pautada na

---

5 - Instinto de Nacionalidade, p. 03. Machado escreve que havia em Masson, escritor escocês, “um scottismo interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial”.

liberdade de uso da língua. Ambos tentaram mostrar que uma literatura que não se adéqua ao seu tempo, não comove e não representa, não sendo então capaz de ter suas obras gravadas na memória da história.

Outra especificidade em comum refere-se à condição de equilíbrio que esses autores conseguiram estabelecer em suas produções literárias. Eles fizeram uso da dialética do local x cosmopolitismo de maneira que suas obras fossem capazes de se universalizar a partir de suas propriedades. Ao integrar as características do Brasil às influências externas, eles escreveram textos que tratavam do seu povo e convergiam com os sentimentos de toda a humanidade. Como destacou Candido (2008), o que o Brasil realizou de mais perfeito na literatura adveio de momentos de equilíbrio entre essas duas tendências.

Com este trabalho, espera-se ter conseguido demonstrar a continuidade de um pensamento teórico iniciado por Machado de Assis e aparente na expressão dos modernistas da antropofagia. Eles possuíam uma concepção de literatura bem próxima e por isso é possível ligar o início desse processo da busca pela literatura nacional, autônoma e representativa ao movimento que a consolidou dando liberdade para que os escritores brasileiros não tivessem receio de ser nacionais.

## Referências

ANDRADE, M. de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 2. ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2017.

ANDRADE, O. de. O manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil. In: TELES, G. M. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ASSIS, M. **Instinto de Nacionalidade**, 1873. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/410615452/machado-instinto-de-nacionalidade-pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira Momentos decisivos 1750 – 1880**. 12. ed. Fapesp, Ouro sobre Azul. São Paulo, Rio de Janeiro. 2009.

HELENA, L. **A narrativa de fundação**: Iracema, Macunaíma e Viva o povo brasileiro. Letras 6, Santa Maria, JUL/DEZ – 1993.

QUEIROZ, H. N. **Verdeamarelo/Anta e Antropofagia**: narrativas da identidade nacional brasileira. 2010. Dissertação (Mestrado EM História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. **Ao vencedor as batatas**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 1992.

VELLOSO, M. P. *A Brasilidade verde-amarela*: nacionalismo e regionalismo paulista. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 6, n°11, 1903, p. 89 – 112.

Submetido em: 15/12/2020

Aceito em: 30/12/2020